

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

55ª Assembleia Geral - Aparecida - SP, 26 de abril a 5 de maio de 2017 - 17/55ª AG(Sub)

Aparecida dez anos depois - Um entre muitos olhares... - D. Joel Portella Amado, Bispo auxiliar do Rio de Janeiro

De que estamos falando?



1. A primeira questão a ser enfrentada diz respeito ao que se compreende por Aparecida. Esta Conferência e seu documento conclusivo representaram continuidade ou ruptura com as conferências anteriores? A meu ver, Aparecida representa continuidade e alargamento da perspectiva que tem sua origem no Vaticano II. É continuidade em pelo menos quatro aspectos: enquanto manifesta uma Igreja profundamente sensível aos sofrimentos dos povos do Continente, enquanto lê esse sofrimento à luz do sofrimento de Cristo, enquanto se manifesta solidária com os sofredores e, por fim, enquanto clama e se propõe colaborar com a transformação da realidade.

2. Aparecida é também alargamento na medida em que manifesta clara sensibilidade ao que, desde S. João Paulo II, já vinha sendo indicado através, por exemplo, do termo nova evangelização e que, em Bento XVI, alguns anos depois de Aparecida, se concretizou no Ano da Fé, com a criação do respectivo Dicastério e, mais ainda, com o claríssimo diagnóstico apresentado na Porta Fidei nº 2.

Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado.

Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade... (Grifo nosso)

3. Aparecida, portanto, se insere no reconhecimento de que a síntese entre cristianismo e cultura ocidental se rompeu, mesmo entre os povos mais tradicionais e que é preciso “recomeçar a partir de Jesus Cristo, sem dar coisa alguma por descontada” (DAP 12, 41 e 549). Esse é o DNA de Aparecida.

4. É continuidade enquanto manifesta uma Igreja que não está preocupada consigo mesma e que se compreende servidora da humanidade à luz do Reino de Deus. É avanço na medida em que reconhece que o fundamento maior para este serviço, isto é, Jesus Cristo, já não tem para uma parcela de nossa gente significado organizador para a vida. Esta realidade é tão grave para Aparecida que se chega a clamar pela coragem de “abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam mais a transmissão da fé”, numa atitude que se convencionou chamar de conversão pastoral. (DAP 365).

O período de dez anos

5. Em segundo lugar, deve-se considerar o período de dez anos ainda pequeno para que se possa dizer se houve ou não efetiva captação do que aquela V Conferência significou. As mudanças propostas por Aparecida trazem consigo propostas radicais de mudança no agir evangelizador. Como dito antes, já não se trata de atuar somente no que chamamos de consequências do Evangelho, pressupondo que Jesus Cristo, pessoa e mensagem, sejam conhecidos e, mais ainda, acolhidos. Não abandonando as consequências morais, sociais e existenciais do Evangelho, Aparecida assume a explicitação da causa maior, o fundamento último sobre o qual se constroem as opções existenciais. A novidade, se assim se pode dizer, está na importância de se trabalhar nos dois âmbitos, o do anúncio explícito da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo, e nas consequências pessoais, sociais, econômicas, culturais, políticas etc. Esse duplo espaço de ação nem sempre é fácil de ser concretizado.

Aparecida na Igreja do Brasil

6. A Igreja no Brasil recolheu Aparecida de diversas formas. O evento em si, ocorrido neste Santuário, em muito contribuiu para que se chamasse a atenção para o que se discutia e para as conclusões. A chegada do Documento recebeu das comunidades interesse por conhecer e aplicar. Em nível oficial, Aparecida marcou gradativamente as Diretrizes de nossa Conferência.

7. Desde então, já foram elaboradas três Diretrizes. As primeiras (2008-2010) manifestaram a prudência de se perceber ser necessário algum tempo a mais para que se pudesse ruminar o que Aparecida indicava. Por isso, o período foi mais breve e o gênero literário se caracterizou por recolher a rica experiência brasileira das Diretrizes de até então e identificar, nesta experiência, onde se encontrava Aparecida. Partiu-se das Diretrizes para captar Aparecida.

8. As Diretrizes seguintes (2010-2015), se por um lado, com a categoria de urgências, trouxeram nova terminologia para expressar o caminhar evangelizador brasileiro, por outro, não deixaram de manter a linha de continuidade com o que vinha sendo realizado.

Estas Diretrizes, após três anos de ruminação de Aparecida, intentaram identificar, em torno ao núcleo maior, isto é, o recomeçar a partir de Jesus Cristo, as implicações evangelizadoras mais importantes (cf DAp 552). Partia-se de Aparecida para chegar às

Diretrizes.

9. A confirmação das urgências nas atuais Diretrizes (2015-2019) e alguns processos concomitantes revelam, em primeiro lugar, que assumimos efetivamente o caminho de Aparecida. Revelam que não apenas desejamos facilitar o acesso a ele pelas nossas comunidades, como também manifestar que já compreendemos o que precisa ser feito.

10. Junto com essas três Diretrizes, a Igreja no Brasil tem dado alguns passos que revelam o desejo de corresponder à interpelação de Aparecida. Refiro-me, por exemplo, aos estudos e documentos que foram produzidos. Ainda que não obedecendo à cronologia, não há como deixar de mencionar a preocupação com a experiência eclesial vivenciada numa paróquia comunidade de comunidades (Doc. 100), com um laicato sujeito na Igreja e na sociedade (Doc. 105) e animada pela Palavra de Deus (Doc. 97). Agora nos deparamos com o desafio de focar nossa atenção na Iniciação à Vida Cristã, tornando-nos ainda mais uma Igreja que sabe valorizar os caminhos catequéticos de outros momentos históricos, mas reconhece que, se não investir pesadamente na iniciação e - com os limites do termo - na reiniciação à vida cristã, corremos o risco de não ajudarmos efetivamente este mundo a encontrar as razões de sua esperança.

11. Portanto, ao ratificar as Urgências nas atuais Diretrizes, assumimos a necessidade de reconfigurar nossa ação evangelizadora num nível que não se fazia há séculos. Por isso, uma única década é tempo curto para uma mudança tão grande, ainda mais quando, exatamente nesse tempo, as transformações em todos os âmbitos da vida humana se aceleraram bastante, quebrando referências e afetando identidades.

Novidades após Aparecida

12. Em meio a tudo isso, a década pós Aparecida foi marcada por algumas realidades que, embora presentes ou latentes em 2007, explicitaram-se com maior vigor nos últimos anos e precisam ser igualmente consideradas. Destaco algumas. Não são as únicas, devendo ser completadas ou corrigidas na conversa posterior.

Aceleração

13. A reconfiguração epocal do mundo se acelerou muito nesses dez anos, gerando vazios nas mais diversas áreas da existência humana, fazendo com que todas as compreensões, leituras e captações ingressem com absurda rapidez na categoria da obsolescência. Isso atinge o social e o econômico, o político e o cultural, o ético, o religioso e assim por diante. Os processos desconstrutivos de certezas e identidades tornam-se cada dia mais rápidos e abrangentes. Em consequência, o mundo diante do qual a Igreja se encontra é um mundo perplexo e impactado diante de tudo que vivencia.

14. No processo de crise de identidades, não se pode deixar de considerar os acontecimentos que marcaram o Brasil no cenário político e econômico da última década. O detalhamento fica para a análise social. Por agora, importa perceber que este cenário, de alguma forma, nos atinge no estilo de evangelizar, uma vez que a evangelização não é impermeável ao que ocorre na sociedade. A meu ver, uma das consequências mais delicadas deste processo encontra-se na crise de mediações. O que, até algum tempo atrás, servia como mediação para a relação da fé com a vida, nos diversos âmbitos da vida, tem-se mostrado, exatamente na última década, cada vez mais frágil.

15. Dentre todos os mecanismos devastadores, penso que o fenômeno da corrupção seja hoje um dos mais graves a nos desafiar. Aparecida se refere explicitamente 12 vezes a essa realidade, classificando-a como alarmante e generalizada (Por exemplo: DAp 70 e 77). Isso há dez anos atrás.

O pontificado do Papa Francisco 16. Em meio a tudo isso, não se pode desconsiderar o pontificado do Papa Francisco. Seu projeto evangelizador só pode ser entendido à luz de Aparecida e vice-versa. Aparecida e Evangelii Gaudium, pelas razões que conhecemos, se articulam e se esclarecem mutuamente. Igreja em saída, periferias existenciais e tantas outras expressões ajudaram ainda mais a traduzir para o cotidiano pastoral as indicações de Aparecida.

17. Além disso, num mundo carente de líderes, estamos diante da maior autoridade moral de nosso tempo. Isso traz para nós uma responsabilidade ainda maior. Nós, os cristãos, não somos os únicos

responsáveis pelos rumos do mundo. Temos, porém, a consciência de que não podemos nos omitir diante dos rumos que o mundo vai tomando. Isso faz parte do Evangelho e o protagonismo moral do Santo Padre Francisco aumenta nossa responsabilidade.

Consciência ecológica

18. A solidariedade com as pessoas, marca da Igreja no Brasil e na América Latina, ratificada por Aparecida, se fortaleceu nesta década com o fortalecimento da dimensão ecológica. A Encíclica *Laudato Si'* com a sua perspectiva de ecologia integral, que não separa as questões sociais das ecológicas, nos recorda que “estas situações provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo” (LS 53).

Alargamento dos púlpitos

19. Há dez anos atrás, Aparecida chamava a atenção para alguns novos ambientes e sua relação com a evangelização. Nesses dez anos, o crescimento das redes sociais reconfigurou os relacionamentos, os conceitos de amizade ou fraternidade e acelerou ainda mais os ritmos do tempo. O mundo da comunicação (DAp 218ss), junto com a questão das grandes cidades (DAp 509ss) são exemplos muito concretos do que Aparecida indicava e a realidade desta década se encarregou de acelerar, radicalizar. A isso se acrescenta o vasto campo do ecumenismo e do diálogo inter-religioso com tudo que a celebração dos 500 anos da Reforma implica.

A base testemunhal

20. Nesses dez anos, a plausibilidade se deslocou ainda mais das instituições para as pessoas, passou do discurso para a ação. Nosso tempo acredita mais em pessoas que comprovam o que dizem. Essa realidade aumenta ainda mais a importância do testemunho. Este princípio, tão claramente expresso na *Evangelii Nuntiandi* (cf EN 15), tornou-se em nossos dias ainda mais crucial. Nosso tempo depara-se com forte proliferação de falas, vozes, mensagens e propostas. No entanto, assim como vai atrás de falas e vozes, paradoxalmente se manifesta descrente delas. Já não quer apenas ouvir. Quer ver, quer comprovar. Este é o motivo pelo qual assistimos à adesão a alguns discursos que sabemos falaciosos. Acontece que os autores desses discursos propiciam resultados, mostram eficácia, independentemente se estamos perante meras encenações.

21. Diante de escândalos, revelações e delações, o simples dizer, isto é, a plausibilidade através da palavra, se tornou ainda mais frágil. Nosso tempo se indaga em quem deve confiar. Nesse sentido, a Igreja, embora necessite falar, pois, caso contrário, as pedras gritarão, precisa, mais do que nunca, ratificar sua palavra através do testemunho. Se, por um lado, acolher o Evangelho sempre carregou consigo a perspectiva testemunhal, em nossos dias, ela se tornou ainda mais exigente (cf EG 42). Por isso, é tão sofrido quando determinadas situações acontecem e, como se já não fossem graves em si, acabam sendo ampliadas nas redes sociais, como mal testemunho não de uma pessoa específica, mas de toda a Igreja. Experimentamos, portanto, o aumento da cobrança sobre nosso testemunho e a desinterpretação de nossas atitudes.

O testemunho da solidariedade

22. Quando, portanto, nos perguntamos a respeito do caminho por onde deve passar nosso testemunho individual e comunitário, Aparecida nos responde que deve ser através do firme compromisso pela vida. Como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os sinais dos tempos, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e para que a tenham em abundância (DAp 33).

23. Através da categoria vida, desde a concepção até a morte natural, nosso testemunho não pode ser outro a não ser o compromisso com os crucificados sobre a terra e, de acordo com a crescente consciência ecológica, também com a criação pecaminosamente devastada.

“Nossa fidelidade ao Evangelho exige que proclamemos a verdade sobre o ser humano e sobre a dignidade de toda pessoa humana em todos os espaços públicos e privados do mundo de hoje e a partir de todas as instâncias da vida e da missão da Igreja”. (DAp 390)

24. As listas de sofredores (PB 31ss e DAp 65 e 402) pede contínua atualização, na certeza de que essas listas nunca serão exaustivas. Nosso tempo tem sido hábil em gerar novos desprovidos. São inúmeros irmãos e irmãs que perdem tudo, diante de um mundo que, como tanto reitera o Papa Francisco, vive uma situação de “guerra não declarada”, na qual uma das piores armas é a “globalização da indiferença”.

25. Nossas atuais Diretrizes reafirmam este compromisso testemunhal, lembrando que, por exemplo, na história da evangelização brasileira, “destaca-se a importância da Campanha da

Fraternidade” (DGAE 110). Voltando ao que antes mencionei sobre o atual momento de nosso país e suas causas mais profundas, eu me pergunto se não é o tempo de pensarmos numa Campanha da Fraternidade sobre o tema da corrupção. Não seria esse o tempo de a Igreja no Brasil alavancar uma séria reflexão, com propostas de ação transformadora, diante de uma realidade que vai se tornando cultura, a cultura da corrupção? Nas referências de Aparecida à corrupção, encontramos interessantes indicações.

O testemunho da comunhão (cf DAp cap. V)

26. A experiência humana de comunhão, concretizada em relações de convívio, partilha de sonhos, angústias, esperanças e sucessos (cf DAp 156), torna-se, nos dias atuais, a segunda grande mediação para a compreensão do Deus que é comunhão trinitária e da solidariedade junto aos crucificados da terra (cf DAp 163 e 167).

27. O tempo atual carrega consigo forte crise de mediações, crise visivelmente exacerbada na última década. O que, em outros momentos históricos, serviu para sustentar a fé e ajudou a traduzi-la em gestos bem concretos manifesta-se agora socioculturalmente frágil, incapaz de fornecer firmeza nos momentos de maior crise. Por isso, sem negar a importância de outras mediações, a vida de irmãos, é aquela que, ao mesmo tempo, encontra-se no núcleo do Evangelho e se torna relevante para um mundo que busca seus efetivos portos seguros num navegar contínuo e cansativo. Não se trata de negar a importância de outras mediações, mas de afirmar que é indispensável catalisar a experiência eclesial como comunidade de comunidades (cf DAp 159).

“Quanto mais a Igreja reflete, vive e comunica este dom de inaudita unidade, que encontra na comunhão trinitária sua fonte, modelo e destino, mais parece significativo e incisivo seu operar como sujeito de reconciliação e comunhão na vida de nossos povos” (Dap 524).

28. No próximo ano, realizar-se-á em Londrina o 14º Intereclesial, buscando pensar a realidade das CEBs no mundo urbano, um casamento já refletido desde a década de 1970, pelo falecido D. Gregory. Concomitantemente, como indicou Aparecida, vemos surgir outras formas de pequenas comunidades (cf DAp 180), as quais, articuladas em rede, intentam viver, conviver e interagir de modo mais firme e eficaz com a sociedade e o meio-ambiente. O Documento de Aparecida é muito claro e exigente ao se referir à reformulação das estruturas paroquiais a fim de que se possibilite a experiência de efetivo discipulado missionário (cf DAp 172 e 365. Também o Doc. 100).

29. Num tempo de forte individualização, as pessoas buscam comunidade. Nas pequenas comunidades, são mais facilmente possibilitados alguns aspectos que Aparecida destaca para as CEBs (cf DAp 179). Importa que tais características estejam presentes em qualquer comunidade que se queira eclesial. Alguns desses aspectos têm sido aprofundados por nossa Conferência, por exemplo, nos já mencionados Documentos surgidos nos últimos anos.

30. É ainda na pequena comunidade articulada com as demais pequenas comunidades, na paróquia e na diocese, que se pode enfrentar o desafio pastoral das famílias. Não há como ingressar aqui nas questões levantadas a partir da *Amoris Laetitia* sobre, por exemplo, os processos de nulidade matrimonial ou a comunhão dos recasados. A questão aqui é anterior. Ela diz respeito a um tipo de pastoral que não pode mais ser feita a partir de princípios gerais impressos no quadro de avisos da secretaria paroquial.

Os princípios, é claro, se mantêm, mas a forma como são apresentados não pode ser a do balcão semelhante a uma repartição burocrática. “É necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor nalgumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização”. (EG 63)

31. A alegria do evangelho com todas as suas consequências deve ser apresentada através do encontro interpessoal, que se concretiza na escuta e no diálogo (cf EG 127-129). Essa é a mudança que precisa ser feita antes de respondermos a outras questões. Por isso, essa capilarização da experiência eclesial é uma das formas concretas e urgentes da Igreja em saída. E a essa experiência se devem somar os serviços de escuta, aconselhamento e diálogo, onde o face-a-face se manifesta com todo o necessário vigor.

32. Reiterando esse princípio de Aparecida, o Papa Francisco assim se expressa na *Evangelii Gaudium*: “Deste modo, torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser

facilitada só por pessoas magnânimas que têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso, é necessário postular um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito...”. (EG 228)

Uma palavra que se faz entender

33. Nosso tempo vive um turbilhão de experiências e a linguagem evangelizadora nem sempre é rápida o suficiente para acompanhar esse fluxo. Por um lado, corre-se o risco de se adaptar de tal modo a linguagem que o conteúdo acabe perdendo sua identidade. Por outro, corre-se o risco de se repetir discursos que, embora úteis em outros momentos históricos, já não são acolhidos como relevantes. Num tempo em que os discursos, os conceitos e as definições passam por forte crise, a postura é a da busca.

34. Esta busca tem se manifestado predominantemente mutante, estética, afetiva, devocional e experimental. Tem-se, de fato, a impressão de que, a cada dia, é preciso fornecer uma novidade, pois, caso contrário, as pessoas não retornam. Por sua vez, essa mobilidade em geral é estética. O problema é que a dimensão estética, tão importante no que diz respeito à via pulchritudinis, parece que, algumas vezes, anda engolindo as demais preocupações, deixando a impressão de que o estético vale por si. Por sua vez, a dimensão afetiva, também parte positivamente integrante do ser humano, parece ser atualmente o critério maior, para não dizer o único a julgar a validade de qualquer proposta apresentada.

35. Aparecida e, na mesma linha, o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, afirmam o valor da piedade popular. Trata-se de uma das maiores riquezas de nossos povos (cf DAp 7), autêntico lugar de encontro com Jesus Cristo (cf DAp 258ss), com a força de penetrar delicadamente a existência de cada pessoa (cf DAp 261). Importa que se consiga que a fé do povo amadureça e se faça mais fecunda” (cf DAp 262).

36. De fato, em meio à acentuada crise de discursos, definições e conceitos, a piedade popular se mostra, no campo religioso, caminho importante para explicitar e solidificar as identidades. Ela atende à insatisfação atual pelos discursos, incapazes de explicar um contexto que se mostra caótico. Na falha das instâncias intra-históricas para resolver os problemas do cotidiano, a piedade popular remete diretamente para Deus. E este, a meu ver, tem sido um dos grandes fatores de desenvolvimento e ampliação de práticas devocionais no momento.

37. Certamente, haveremos sempre de ponderar tanto o risco de se cair numa espécie de dinâmica mercadológica, ao estilo de uma concorrência de devoções, quanto a vinculação que se pode fazer entre a piedade popular e o pensamento da prosperidade. Conhecemos a história desse tipo de leitura da religião e da vida e sabemos o que ocorre entre ele e as questões ligadas à Graça de Deus e à cruz. Portanto, o encontro de uma linguagem, mais afetiva, mais próxima da vida das pessoas, sem, contudo, se deixar prender pela competição nem pela teoria da prosperidade, é condição para uma Igreja em saída. É mais um desafio para a conversão pastoral.

Manter firmemente o rumo

38. A questão central de Aparecida é a de que estamos experimentando uma mudança diametral no modo de compreender a ação evangelizadora, a fim de, internamente, (re)modelar as comunidades e, externamente, incidir na sociedade e na cultura (cf DAp 371). E isso não é tão simples de realizar.

39. Não se pode negar que atualmente existe certa dose de cansaço e mesmo desânimo em relação a projetos de longo prazo. A síndrome do curador ferido, tenha ela o nome que tiver, alastra-se diante da sensação de que os resultados não chegam. Os altos índices de violência, a frustração diante de um Brasil e de um mundo que experimentam inúmeras turbulências e o crescimento de uma religiosidade de mercado – só para permanecer em três fatos atuais dos mais relevantes - podem levar à inconsciente descrença diante do caminho de Aparecida. Entretanto, a angústia diante da aceleração das sequelas e a sensação de demora nos resultados não nos podem fazer mudar a meta. Podem talvez solicitar unidade ainda maior em torno das urgências e a aceleração de alguns passos. A meta, contudo, deve permanecer.

A ressalva de sempre

40. Termino agradecendo a paciência e lembrando que toda leitura da realidade será sempre uma leitura parcial. Obviamente outros aspectos poderiam ter sido ressaltados. A indispensável referência a Aparecida balizou a reflexão. E, mesmo assim, é importante lembrar que, ao nos propomos a ler o presente, no qual estamos inseridos e dele não podemos historicamente nos distanciar, é preciso assumir que inexistem assepsia absoluta. Tentamos, por certo, manter razoável equidistância na busca de algum grau de objetividade, mas captamos a realidade sempre a partir do que carregamos dentro de nós. É por isso que a compreensão do momento presente da Igreja, passo inicial nas nossas Assembleias, feita esse ano à luz da primeira década de Aparecida, quis ser apenas uma motivação inicial, completada e corrigida agora com o diálogo na assembleia.